

# SAGA DE AMOR(TE)

Toni Edson Costa Santos<sup>1</sup>

## Personagens

Tubuna	Porco (malandro)
Bailita	Escolado (malandro)
General	Rato
Diretor	Chaves
Zé Onofre (malandro)	Mãe solteira
Mocinha	Soldados
Fiote	Policiais
Pantera (prostituta)	Bailarinas
Tigresa (prostituta)	Capangas de Zé Onofre
Leoa-velha (prostituta)	Músicos
Mimiau-sensual (prostituta)	Grã-finos
Gatona-machorra (prostituta)	Enfermeira
Cão (malandro)	

<sup>1</sup> Toni Edson é ator sergipano que inicia sua trajetória aos 11 anos de idade. Torna-se dramaturgo, diretor, compositor e ator. Desde 1999 é contador de histórias e em 2006 passa a ser formador de contadores, tem sua pesquisa direcionada para contos africanos. É licenciado em artes cênicas (UDESC-2002), Mestre em Literatura Brasileira (UFSC-2005) e entre 2004 e 2009 foi professor de Prática Teatral (UDESC). De 2009 a 2010 foi professor do curso de Teatro da UFSC. Ator profissional desde 2000, trabalha com teatro de rua a partir de 2003. Fez parte do grupo Africatarina (SC) e do grupo Cachola no Caixote (SC). Hoje é membro fundador da Trupe Popular Parrua (SC) e do Grupo IWÁ (BA) e doutorando no PPGAC da UFBA. Em 2013, é aprovado num concurso para professor da ETA/UFAL na área de encenação e teatro de rua.

## 1º ATO: Entre barracos e botecos

*\* O infortúnio dessa saga acontece em 1943, num Rio de Janeiro de malandros cariocas, dançarinas prostituíveis e bailarinas do Municipal. Qualquer semelhança com outra peça dessa época é mera expressão de plágio barato, prontamente assumido pelo autor, que espera as sanções legais.*

(Num canto do palco, um malandro está sentado numa mesa de boteco. Negro, com camisa vermelha, terno branco e sapato bicolor, Tubuna está de porre, com uma garrafa de cachaça na mão, cabeça na mesa, chapéu Panamá na cadeira, parece desmaiado. De repente, levanta a cabeça e solta o verbo).

**Tubuna** – Tá vendo o sujeitinho sentado ali? (Aponta o lado contrário) Aquilo lá já foi malandro... Hoje é só mais um bêbado... Esse Panamá, sapatinho bico fino, é só pose, ele não vale a merda que caga... Fica assim... De boteco em espelunca, de muquifo em boteco, dizem até que carrega a navalha (Tira a navalha e põe na mesa), mas nem deve saber mais usar... (Tenta usar a navalha, atrapalha-se). E vocês vieram ver a história dessa títica! É muita falta do que fazer...

(Entra Diretor).

**Diretor** – Para, Tubuna! Você quer me levar à falência? (Para o público) Desculpe, gente, é que esse incompetente vem trabalhar bêbado. Levanta a cabeça, vagabundo. Essa cena é só no final do segundo ato, onde já se viu começar uma peça desse jeito!

**Tubuna** – Não enche, otário!

**Diretor** – Eu devia te encher de porrada, desgraçado! Isso aqui é uma comédia, você quer deixar o público entediado? (Para o público) Gente, nossa peça é um musical, muito divertido, premiado, com um ótimo elenco, com exceção desse imbecil que vocês estão vendo. Música 3, agora! Todo mundo no palco pra cantar a música 3, não vou deixar esse canalha me levar à perdição.

Vozes em off – “O quê?”, “Música 3?”, “Qual é a música 3, hem?”, “Eu tenho que cantar também?”, “Esse cara é louco?”.

**Diretor** – Todo mundo aqui, música 3! “Queremos festa”, seus panacas! Eu quero algo pra cima, pra salvar a cagueta desse preto!

(Os atores vão entrando em cena, emburrados, e começam a cantar “Queremos festa”).

Um certo dia morrem cinco na Baixada  
Uns por faca, outros paulada  
Com essa vida não se bole  
Um nego binda leva uma surra danada  
Só porque ele carregava  
Uma viola e um cancro mole  
(Refrão) Mas não importa se a fome galopa, camarada  
Se a cada esquina um tiro a mais na testa  
Quem não tá morto não tem a ver com nada  
Quem tem nariz pra respirar só tá pedindo festa  
(Bis) Queremos festa, queremos festa  
Desce um sambinha que é legal, queremos festa  
Uma vez por ano o carnaval, queremos festa  
E todo mundo se detesta, mas queremos festa (/ Bis) (/Refrão)  
No meu jornal só tem garoto desnutrido  
Alguns têm sobrevivido  
Outros já estão na vala  
A cada enchente caem mais de cem barracos  
No governo, todos fracos  
Ninguém sabe, ninguém fala

### REFRÃO

(Durante a canção, os malandros e as prostitutas dançam olhando pro Tubuna, tristonho, quase desmaiando, e isso desconcentra alguns durante a cena. Há tropeços, pisões no pé, até que a prostituta Mimiau fala).

**Mimiau** – Não dá pra cantar assim, olha a cara do Tubuna!

**Gatona** – Daqui a pouco ele cai dessa mesa.

**Escolado** – E calculando a distância e a velocidade possível, ele pode ter escoriações irreversíveis!

**Diretor** – Tubuna, você até parado atrapalha! Levanta, marginal, faz a tua parte! Tubuna, estou a três dedos de te matar!

**Tubuna** – Encafifa mais uma música que eu não estou pra cena!

**Diretor** – (Imitando Tubuna) “Encafifa mais uma”... Isso aqui não é ópera, a plateia pagou pra ver diálogo, babaca!

**Tubuna** – Então devolve a grana, dá pra ver que é isso que eles querem...

**Diretor** – Devolver dinheiro? Você está louco! Substituição! Zé Onofre, você vai fazer o papel de Tubuna, vem, vem!

(Entra Zé Onofre, num misto de assustado e orgulhoso).

**Diretor** – Então, essa é a cena da briga, você está



aqui com algumas putas e de repente vê o Fiote entrar... (O diretor explica as marcações, Tubuna vê a cena, levanta e começa a se arrumar com classe).

**Tubuna** – (Empurrando Zé Onofre) Dá licença, figurante, agora eu vou protagonizar.

**Mimiau** – Até que enfim, pensei que eu ia ter que sentar no colo desse furreca.

**Cão** – Fa-fa-falou o-o che-che-chefinho, gostei de-de ve-ve-ver!

**Zé Onofre** – Tubuna desgraçado! Estou a três dedos de acabar com a sua vida!

**Tubuna** – Então guarda os três dedos com os outros dezessete, porque vou começar a brilhar, afina as cordas, vou entrar com “Meu olhar 43”.

**Diretor** – O quê? Essa é a música 1, perdeu o tempo, já foi.

**Porco** – Que é isso diretor, a música é bacana.

**Gatona** – Deixa, a galera vai curtir!

**Tubuna** – Ele não tem que deixar nada, já vou mandando.

“Meu olhar 43”

**Malandros** – Desfilo vestido de branco,

Sou preto charmoso,

Mantenho altivez

Minha navalha só provoca dor

O meu sapato duplica de cor

E todo mundo com a cabeça em fervorosa

Com essa briga desastrosa que é a segunda mundial

Eu boto brilho e só destilo meu veneno

Esse mundo é tão pequeno, aqui eu sou o tal

(Refrão) Não tem conversa, nem fofoca, nem proseado, nem talvez

A ditadura fica mole diante do olhar 43 (/Refrão)

Prostitutas – Eu danço e não saio do salto

Prazer. Cobro caro

Te faço freguês

Meu rebolado é puro fervor

Saia rodada te causa torpor

E todo mundo com atitude tão medrosa

Pensa verso, fala prosa, vê na Europa seu quintal

Acerto o trilho e só capricho o que enceno

Essa vida é meu terreno, que ninguém me leve a mal

## REFRÃO

(Mimiau, no colo de Tubuna, malandros Cão e Porco flertando com Gatona e Leoa, Tigresa e

Pantera aliciando e extorquindo um sujeito “almofadinha”, o Fiote. Entra Mocinha).

**Mocinha** – (Para Tubuna) Papucho, papucho, meu teste é hoje!

**Tubuna** – (Tirando Mimiau do colo) Mocinha, já te disse que aqui não é lugar pra tu, menina!

**Mocinha** – Ahhh, papucho, desculpe, mas é que eu vim te lembrar que é hoje o meu teste pra bailarina do Municipal.

**Mimiau** – Hummm, que bom, querida! Vai lá e arrasa! Essa menina é um tesouro, Tubuna!

**Tubuna** – E eu não sei? Peguei essa moleca pra criar e já disse pro meu destino que essa não se perdia...

**Mocinha** – Papucho, eu vim aqui para o senhor pedir proteção pra mim, pede pro seu patuá, para eu passar...

**Tubuna** – Tudo resolvido, dona Moça, pedido encaminhado em cinco vias e com carimbo de preto de responsa. Dá o abraço do papucho e toca daqui que a sorte está contigo!

**Mocinha** – Obrigada, papucho!

(Os dois se abraçam. Depois, Mocinha vai saindo e passa por Fiote, que, durante toda a cena, estava distraído com as prostitutas. Fiote aperta a bunda de mocinha).

**Fiote** – Essa pequena eu não conhecia...

**Tubuna** – Toca daqui, Mocinha, e não olha pra trás, que é capaz de respingar sangue no vestido novo.

**Mocinha** – Papucho...

**Tubuna** – Salta fora, menina, faz o que eu te mando!

(Mocinha sai).

**Fiote** – Que é que tá me olhando desse jeito, cafetão de merda? Quer comer puta sozinho? Eu pago o dobro, babaca!

**Tubuna** – A menina não é puta, seu pedido de desculpas te conserva uma narina sã.

**Fiote** – Quer dizer que tem moça de família na zona? Fica quieto, preto vagabundo, e se você não me pedir desculpa agora te faço ver o sol nascer quadrado. Você sabe com quem está falando?

**Tigresa** – Tubuna, o cara é boca quente, vê lá onde se mete...

**Tubuna** – Olha só, estou diante de uma figura ilustre e não sabia... Mil perdões, seu doutor, mas eu vou ter que quebrar tua cara de louça.

(Durante a canção, Tubuna desfere alguns golpes de capoeira e realmente quebra a cara de Fiote).

“Pernada de ginga”

**Tubuna** – Figurão segura a língua

Peixe morre pela boca

O teu berro e tua xinga

Pra pernada é coisa pouca

**Malandros** – É pinote, é pernada, segura o facho

Que o buraco com preto é mais embaixo

(Os malandros repetem a letra e o refrão, Fiote resiste, tenta jogar coisas em Tubuna, Tigresa sai e volta com policiais e Fiote já está no chão ensanguentado).

**Cão** – Su-su-su-sujeira, che-chefe!

**Porco** – Simbora, Tubuna, os home!

(Tubuna e os malandros fogem correndo).

**Policial 1** – Doutor Fiote, o senhor está bem?

**Fiote** – Pergunta besta, seu idiota, eu quero aquele preto atrás das grades.

**Policial 2** – A gente vai fazer o possível, doutor, calma.

**Tigresa** – Teu pai está chegando, Fiote!

**Fiote** – Meu pai?

(Entra General).

**General** – O que aconteceu aqui, Fiote?

**Fiote** – Uns desordeiros tentaram me assaltar, resisti e me bateram, eram uns cinco.

**General** – (Para os policiais) E vocês, imbecis! Sabem quem foi?

**Policiais** – Não, senhor general!

**Policial 1** – Mas nós vamos descobrir, senhor.

**Fiote** – Ouvi um nome, pai, um deles era Tubuna, o chefe deles.

**General** – Tubuna, já ouvi esse nome antes, seja você quem for, malandro, saiba que estou a três dedos de te arrancar o seu último suspiro. (Para as prostitutas) E vocês, alguém sabe do paradeiro desse tal Tubuna?

**Mimiau** – Desculpa a sinceridade, seu general, mas ninguém aqui é cagueta, não. Estamos nessa lida, mas não temos nada a ver com o papo, nós queremos é fresta!

(Começa a ser tocada “Queremos fresta”, dessa vez cantada com mais vigor. Durante a canção, os policiais conduzem Fiote para fora e o General sai irritado com excesso de alegria. Depois da canção,

entram Tubuna e Porco, o segundo desconfiado e apressado).

**Tubuna** – Mas você acredita que o Duran me veio com um papo pra acabar com um tal de Overseas?

**Porco** – Jura?

**Tubuna** – Sério, falou que tava pagando uma grana preta, perguntou se eu conhecia e eu introduzi: “Claro que conheço, seu Duran, mas vou ser bem sincero, o Max é meu camarada, não vou topar o serviço, por dinheiro algum, dessa vez vou ficar devendo...”

**Porco** – E o velho?

**Tubuna** – Pagou metade para eu não abrir o bico.

**Porco** – E onde eu entro nisso?

**Tubuna** – Preciso que você lembre o Max de que ele tem que se esconder bem, o velho está a fim de gastar e pesado. Eu estou meio queimado depois da surra no figurão.

**Porco** – E o trocado?

**Tubuna** – Vou molhar tua mão já disse, dá um abraço no Max Overseas por mim, e pede desculpas não ter comparecido no casório.

**Porco** – Falou, Tubuna, estou partindo.

(Sai Porco correndo, entra Bailita, parece perdida. Porco volta o rosto para olhar suas nádegas, ainda desconfiado).

**Tubuna** – Uma estrela cadente em pleno dia... O que procuras, fonte de luz, posso ter alguma utilidade?

**Bailita** – (Assustada) Não!

**Tubuna** – Que palavra mais seca essa que tirou da cachola, só estou querendo ajudar...

**Bailita** – Tenho uma amiga, que mora por aqui, é isso. Mas eu acho a casa dela, obrigada.

**Tubuna** – Olha, eu conheço bem essas quebra-das, e não recomendo uma garota tão bonita andar sozinha não.

**Bailita** – Muito gentil da sua parte.

**Tubuna** – (Tira uma flor do bolso) Colhi hoje pela manhã, mas ela fica me cutucando e pedindo pra pousar na sua mão...

**Bailita** – Obrigada...

**Tubuna** – Mas e qual o nome da princesa? Se não for segredo de Estado, claro. Eu sou o Tubuna.

**Bailita** – Prazer, me chamo Bailita.



**Tubuna** – Um nome quase tão bonito quanto o seu sorriso. Mas fale mais sobre você.

**Bailita** – Vai ser difícil me ouvir falar de mim.

**Tubuna** – E por quê?

**Bailita** – É... Que sou meio tímida, bem fechada mesmo.

**Tubuna** – Dizem que as flores mais cheirosas são as que demoram pra se abrir...

(Entra Mocinha).

**Mocinha** – Papucho, eu passei no teste, vou dançar no Municipal! (Vê Bailita) Bailita, você veio! Vocês se conhecem?

**Tubuna** – Não!

**Bailita** – Sim, quer dizer... Acabamos de nos conhecer.

**Mocinha** – Então papucho, a Bailita é minha amiga, a gente vai dançar juntas no Municipal.

**Tubuna** – Com certeza o corpo de baile mais bonito do Rio de Janeiro...

**Mocinha** – Esse aqui, Bailita, é o capoeira mais malandro dessas bibocas, é o pai mais fantástico que poderia existir.

**Tubuna** – Nem tão malandro assim, ainda estou aprendendo...

**Bailita** – Pelo teu jeito parece que está avançando no aprendizado.

**Tubuna** – Eu me esforço...

**Mocinha** – Papucho, chamei a Bailita para ir em casa, disse que é casa de pobre, mas ela disse que queria vir e eu não te encontrei pra contar e...

**Tubuna** – Calma, mulher, tem problema não, pode trazer tua amiga sim, quando quiser... Mas e aí? Aquele sujeito de quem você me falava, tem visto ele? Te deixo trazer namorado, imagina amiga...

**Mocinha** – Ai, papucho, você que é homem me explica, por que é que homem, quanto mais a gente trata mal, não dá corda, ele corre atrás?

**Bailita** – É verdade, quanto mais se quer, menos se tem.

**Tubuna** – Comigo não funciona assim não, eu gosto de mulher de atitude, mulher pra mim tem que agir, e agir direito.

(Bailita pega um pedaço de papel e começa a escrever escondido.)

**Mocinha** – É mesmo, papucho?

**Tubuna** – Claro, Mocinha, homem fica gamado numa senhorita que amarra ele num ninho de amor, só sai rendido.

(Mocinha dá um beijo em Tubuna).

**Mocinha** – Obrigada, papucho, vou tomar uma atitude amanhã mesmo. (Para Bailita) Bailita, agora vamos, vou fazer uma comidinha pra você, coisa simples.

**Bailita** – Que é isso, Mocinha, nem se preocupa! Vamos embora para não ficar tarde. (Estende a mão para Tubuna) Prazer, seu Tubuna, espero que a gente se veja qualquer hora dessas (entrega o papel para Tubuna, que não entende).

**Tubuna** – Qualquer hora dessas, menina, lembre sempre das atitudes.

**Bailita** – Beijinhos.

**Mocinha** – Tchou, papucho! Vamos, Bailita!

(Mocinha puxa Bailita e saem as duas).

**Tubuna** – Escolado! Escolado! Chega junto, nego véio.

(Escolado entra).

**Escolado** – Fala patrão!

**Tubuna** – Tarefa de responsa, leitura de segredo de Estado.

(Tubuna entrega o bilhete).

**Escolado** – Ih, Tubuna, aqui tem um nome, endereço nas altas rodas, e uma hora pra chegar, onze e meia da noite.

**Tubuna** – Altas rodas, onde?

**Escolado** – Numa certa praia, mas ela tem amiga? Porque se tiver acho que posso estar escalado, não?

(Começa a introdução da canção).

**Tubuna** – Cê não tá entendendo, Escolado! O Tubuna, velho de guerra, com apelido importado do sul, está apaixonado, malandro! Estou amando! “Amor ao primeiro prazo”

**Bailita** – Te dei, sete horas contadas

Com analogia

Te fiz minha noite

Te dei o meu dia

Pensando na hora

De tê-lo em meus braços

Cansei, dessa vida de moça

Só com regalias

Me pus no projeto

Virei melodia

Pra ver tua destreza

Às minhas cordas de aço

Bailita e Tubuna – Abriu temporada de caça

De amor a prazo

Esperto quem cumpre, não é prato raso  
Acaso me encontre, estou aos seus pés  
Tubuna – Cantei, joguei verde, pesado  
Causei alegria  
Me pus no açoite  
Comprei fantasia  
No meu carnaval  
Você já deixa laços  
Briguei com esse meu jeito grosso  
Ate fiz poesia  
O fato concreto  
É que ainda há dia  
Terminado o prazo  
Contigo me faço  
REFRÃO

## 2º ATO: Ala nobre e sensual

(Tubuna chega meio esbaforido, acaba de entrar na casa de Bailita).

**Bailita** – Já?

**Tubuna** – Preto de resposta chega cedo.

**Bailita** – E o cachorro?

**Tubuna** – Não foi mais cachorro que eu.

**Bailita** – Você quer uma água?

**Tubuna** – Depende a fonte... (Tubuna se aproxima).

**Bailita** – Calma, precisamos conversar!

**Tubuna** – Fala no meu ouvido que eu sou meio surdo (abraça Bailita).

**Bailita** – Ai, Tubuna, não faz assim...

**Tubuna** – Como você gosta que eu faça? (beija o pescoço dela)

**Bailita** – Você está... Sendo meio apressado...

**Tubuna** – (Largando Bailita) Então tá, fechando o cerco. Qual vai ser o tema da conversa? Posso introduzir? (passa a mão da bunda dela)

**Bailita** – (Excitada) Ai, para!

**Tubuna** – Tô parado na sua, pequena... Mas saiba que eu não sou preto de fazer concessão... A gente sabe onde isso vai dar... Tubo bem, vamos à prosa, esse negócio de balé dá dinheiro, hein? Como é que a dona consegue bancar uma casa desse tamanho?

**Bailita** – A casa é do meu pai.

**Tubuna** – (Assustado) E onde que ele tá?

**Bailita** – Viajando, não tem mais ninguém aqui hoje...

**Tubuna** – Você parece novinha, mas tá pro crime... E teu pai faz o quê?

**Bailita** – Meu pai é general.

**Tubuna** – Hã? Dá pra ver que a casa dele é de alta patente.

(Bailita canta sem instrumento algum acompanhando).

**Bailita** – O amor nos traz loucuras, muda história

É tão bonito na memória

Um gesto, um toque, um carinho a palpitar

**Diretor** – (Em off) Mas que porra, quem é que toca nessa música?

**Bailita** – É, cadê o instrumental? Entrei sem introdução, pra não atrasar...

**Músico 1** – O Tubuna falou pra não tocar!

**Músico 2** – Pô, esse negócio aqui é uma banguçal!

**Diretor** – Mas quem é esse delinquente pra pedir pra não tocar uma música na minha peça?

**Tubuna** – Pandeiro (alguém joga um pandeiro de fora de cena)! O negócio é o seguinte, quando estava chegando, vi o porte da casa, vi o quanto estava tinindo e achei que a música do script era muito fraquinha. Pensei em te dar um mote no pandeiro e a gente executar no improviso, igual partido alto, aceita?

**Bailita** – Nunca fiz isso antes...

**Diretor** – (Em cena) Tubuna, você é louco! Faz a música direito! (Entram malandros e rendem o diretor) Tubuna, estou a dois dedos de te arrancar o teu último suspiro!

“Encontro alta patente”

**Tubuna** – (Refrão) Já vi do muro chamado insistente

Sala, quarto, sacadinha é bem pouco pra gente

Quero saber o que há diferente

Numa casa e uma pequena de alta patente (/ Refrão)

Ouvi dizer que chuveiro é banheira

O afago rola solto que nem cachoeira

E é no banho que sobe a poeira

Dar umas duas na água fria vale a vida inteira

**Tubuna**– REFRÃO

**Bailita** – Pois eu te conto, pequena é impressão

É na cozinha que rola o tesão

É só apoiar na geladeira, enfia a mão



E com cuidado pra não ter mais brasa que o fogão

**Tubuna e Bailita** – REFRÃO

**Tubuna** – Ouvi falar de um tal de escritório

É tanto livro empoeirado escondendo o notório

Uma mesinha pro chamego compulsório

E um tapete tão safado que causa casório

**Tubuna e Bailita** – REFRÃO

**Bailita** – Pois me desculpe quem foi o arquiteto

Com um preto tão charmoso eu escalo o concreto

Não sei se encaixa muito no projeto

Mas com você eu abro tudo e chupo até no teto

**Tubuna e Bailita** – REFRÃO

(Tubuna joga o pandeiro).

**Tubuna** – Agora é com vocês!

(Músicos fazem um clima sensual, Tubuna e Bailita dançam numa coreografia que simula um ato libidinoso, com direito a suspiros. De repente, entra o General).

**General** – Filhinha, resolvi voltar mais cedo!

**Bailita** – (Largando Tubuna) Tubuna! É o meu pai!

**General** – Tubuna? É o preto que bateu no Fiote! Tubuna, estou a dois dedos de acabar com a tua vida!

(Tubuna foge apressado).

**General** – O que você fez, sua putinha?

**Bailita** – Calma, papi, eu posso explicar...

**General** – Explicar aos diabos, vou botar o exército na rua! Eu quero a pele desse Tubuna... Quer dizer, a pele não... Mas a morte do desgraçado!

(Corte de cena. Tubuna esbaforido, saindo da casa e vê Zé Onofre e seus capangas).

**Zé Onofre** – Eis que, ao sair das altas rodas, o malandro viajado encontra um desafeto.

**Tubuna** – Qual foi, ô figurante? Que pose é essa?

**Zé Onofre** – Cena nova, o diretor acabou de colocar, Tubuna leva uma surra de Zé Onofre.

**Tubuna** – Não tenho tempo pra farofada, os home tão atrás do boneco aqui.

**Zé Onofre** – Não entra ninguém nessa cena antes de você levar um coro.

(Berimbau, pandeiro, atabaque, os malandros começam a jogar capoeira. Zé Onofre e os capangas levam surra de Tubuna. Entram soldados. Capangas fogem).

**Soldado 1** – Para com a baderna ou vai todo mundo em cana.

**Tubuna** – (Apontando Zé Onofre) Seu guarda, foi o Tubuna aí que começou.

**Soldado 2** – Tubuna? Acho que hoje a gente tirou sorte grande...

**Soldado 3** – Já estou até vendo uma promoção. (Rende Zé Onofre).

**Zé Onofre** – Não... Mas, calma... Não sou eu o Tubuna, pera lá...

**Soldado 1** – (Socando Zé Onofre) Cala a boca delinquente, quero ver você falar isso pro general Guilhô.

**Zé Onofre** – (Para Tubuna) Desgraçado, estou a dois dedos de te matar!

**Tubuna** – Olha aí, doutor, tá me ameaçando...

**Soldado 2** – E você, chispa daqui pra não ir junto pro xilindró (saem batendo em Zé Onofre. Entram Cão, Porco e Escolado).

**Porco** – E aí, Tubuna, tudo firme?

**Tubuna** – Isso é hora de chegar? Mas não fala meu nome que a barra tá suja.

**Cão** – Os ho-ho-home tão na-na ru-rua!

**Tubuna** – Eu tô ligado!

**Escolado** – As probabilidades de escapatória são diminutas!

**Porco** – Vai xingar a mãe!

**Tubuna** – Não fala assim com o moleque que ele é nosso gênio. (Mudando o tom) Escolado, preciso de um favor seu... (Grosso) E vocês raspem daqui! (Cão e Porco fingem que vão, mas voltam para escutar). Preciso que você escreva um treco pra mim...

**Escolado** – Treco?

**Tubuna** – É... Uma parada aí...

**Escolado** – Por favor, estou curioso, que digna função me remete, mas hei de compreender qual o intuito de tal empreitada, já que...

**Tubuna** – Tá, para com esse palavrório, eu quero que você escreva uma carta pra mim.

**Escolado** – Mas você não sabe ler, por que eu te escreveria?

**Tubuna** – Não é pra me escrever, é que preciso de uma carta... Pruma mulher... Dessas românticas

aí.

**Cão** – Ch-ch-chefe?

**Porco** – Hummm, quer dizer que o seu Tubuna quer uma carta de amor, quem diria...

(Começa a canção).

“Carta de aposento”

**Porco** – Malandro só larga o assento

Com carta de amor

Pois quando declara o “rasgado” já se aposentou

**Escolado** – No pingo do “i”, coração, com a ginga ele só se atrapalha

Te digo malandro que o valha não é sonhador

**Porco** – Querido amigo,

Te digo quando um cara perde posto, perde pose

Perde o tino e a malandragem

É quando o passo dele é de mansinho

Suas palavras descrevem carinho

Dizem que esquece até a libertinagem

A poesia vira meta

Motivo e linguagem

REFRÃO

**Cão** – Ca-ca-ca-caríssimo patrão,

E tu-tu-tudo vai ficando lindo

Pa-pa-parece que nasceu sorrindo

Que de-destino pra ga-garanhão

REFRÃO

**Escolado** – Venho por meio desta

Quase estupefato com esse pseudorretrato

Metamorfose de outrora

Aguilhoando expectativas

Fazendo caras proto-descritivas

O neo-malandro dá um tiro em sua testa

Não resiste, olha o umbigo e concomitante chora

REFRÃO

**Tubuna** – Também não é assim, vocês estão exagerando!

**Porco** – Compra flores pra ela!

**Cão** – Es-esquisitão, Tubuna!

**Tubuna** – Pô, em vez de ficar esculhambando vocês podiam dar uma ideia...

**Porco** – Gostei de ver, estou dentro!

**Tubuna** – (Saindo com Escolado, seguido pelos outros) E esse negócio de coração com pingo “i”, funciona mesmo? Eu quero uma carta pra derreter a pequena...

(Entram Mocinha e Bailita).

**Mocinha** – ... E aí ele nunca mais apareceu. Ai, Bailita, eu não sei onde o papucho se meteu, ele deve ter aprontado alguma.

**Bailita** – (Nervosa, olhando para os lados) Sei...

**Mocinha** – E eu pensei: quem sabe se seu pai, que conhece muita gente, não poderia ajudar a encontrar o papucho?

**Bailita** – Não sei se seria uma boa ideia...

**Mocinha** – Claro que é! Ele deve ter se metido em briga, como sempre, deve ter dado uns sopapos num policial, mas o exército manda mais que polícia, só o seu pai pode livrar a cara dele. Eu queria tanto que ele fosse me ver no Municipal...

**Bailita** – (Derretida) Ai, eu também adoraria...

**Mocinha** – Hã?!

**Bailita** – Eu também queria, porque você quer! Tua felicidade é o que há de mais importante para mim.

**Mocinha** – Antes de sumir, ele garantiu que ia. Disse assim: “se o papucho coruja não estiver lá pode acreditar que não me chamo...”

**Bailita** – (Num abrupto sussurro) Não fala o nome dele!

**Mocinha** – Como?

**Bailita** – Ah... Sei lá... Dizem que dá azar falar o nome de pessoa sumida... Mas, Mocinha, faz o seguinte: vai para sua casa, eu tento falar com meu pai e te aviso.

**Mocinha** – Mas eu posso esperar, e se precisar descrever o papucho? Você nem vai lembrar dele direito...

**Bailita** – E como vou..., quer dizer, se precisar a gente vai à tua casa... Vai que ele aparece e você não está lá?

**Mocinha** – É verdade... Vou embora! Mas eu te espero, hem? (Saindo) Fala bem do papucho pro seu pai, fala que ele é um homem sério, responsável... E não esquece de me dar notícias!

(Mocinha sai, entra Rato alisando revólver).

**Rato** – E qual é a da mocinha?

**Bailita** – Como você sabe quem é ela?

**Rato** – Calma, dona, eu só fiquei interessado na pequena, é alguém que eu deva conhecer?

**Bailita** – Ela não é pro teu bico!

**Rato** – Rato não tem bico, tem focinho. E nem adianta ficar irritada porque seu cartaz tá em bai-



xa...

**Bailita** – De que você está falando?

**Rato** – O malandro, o tal do Tubuna, ainda não deu as caras.

**Bailita** – Ele não vai aparecer, não é otário.

**Rato** – Não é a teoria do seu pai...

**Bailita** – E qual é a teoria do meu pai?

**Rato** – Que você fora de casa é isca fácil pra pegar o preto, é só ele aparecer que eu mudo a decoração do terno branco dele...

**Bailita** – Quanto? Quanto você quer pra me deixar em paz? Qual o teu preço?

**Rato** – Teu pai tá cobrindo qualquer suborno que você ofereça, em dinheiro, mas fiquei sabendo que você negocia bem com outra moeda...

**Bailita** – Ahhh, parece que começamos a falar a mesma língua... É o meu corpo que te interessa? (Aproxima-se de Rato) Este meu corpinho aqui? Bem... (Chuta os testículos de Rato) Pois saiba que nem sonhando você encosta em mim!

**Rato** – (Segurando e ameaçando Bailita) Sua vagabunda! Mais uma tentativa de esperteza eu estouro tua fuça!

**Bailita** – Atira! Atira se for homem! E, quando acordar morto amanhã, você vai agradecer por ter saído dessa merda de emprego que você tem!

**Rato** – Corajosa a dona... (Larga Bailita) Pena que se enganchou com um preto de terceira, que nem tem coragem de aparecer...

**Bailita** – (Pegando a arma de Rato) Não fala assim dele se não eu faço uma loucura!

**Rato** – Calma dona, que esse treco apita!

**Bailita** – E quer saber de uma coisa? Desaparece! (Atira para cima). Some daqui! (Atira).

**Rato** – Meu, que mulher louca! Sai fora (sai correndo)!

(Entra Tubuna esbaforido).

**Tubuna** – Bailita! Ouvi tua voz... Barulheira... Era tiro, né? Pensei até que eu tinha morrido... Mas não é que o malandro tá morto? Afinal, não é todo dia que fico diante de um anjo...

**Bailita** – (De costas para Tubuna, escondendo a arma na bolsa) A Mocinha está preocupada... Ela quer que você apareça, quer que vá no Municipal, ela quer te ver!

**Tubuna** – Eu também estou preocupado com a pequeninha. Nem mandei recado pra não dar na vista. Nos primeiros dias, teu pai botou uma pá

de nego em cima de mim, agora deu uma baixada, achei até estranho... Que aconteceu, o Brasil tá em guerra? (Toca Bailita).

**Bailita** – Não sei. Não trabalho no exército.

**Tubuna** – A moça não era tão arredia... Já sei! Saudade, tá na cara. Você fala de Mocinha, mas é você quem está a fim de me ver. (Retira carta) Ó! Bolei uma carta pra você. Com coração e tudo! (Entrega a carta).

**Bailita** – (Colocando a carta na bolsa) Muito gentil da sua parte. Mas eu acho melhor que você...

**Tubuna** – Vai direto ao assunto, eu entendi. Atitude! Guarda bem a cartinha, que você vai ler pros nossos netos. Lá vai: dona Bailita, eu to arriscando a vida pra vir te buscar, vamos assumir nossa história, fugir disparado, que esse mundo é pequeno demais pro nosso amor.

**Bailita** – Fugir? Eu não estou entendendo...

**Tubuna** – Como não? Eu tô dizendo que te amo, minha princesa. (Grita) Amor pra vida inteira!

**Bailita** – Fala baixo! Pelo visto é você quem não está entendendo. Eu sei que a gente teve uma coisinha...

**Tubuna** – Coisinha?!

**Bailita** – É o seguinte, eu não quero me envolver, entendeu? Eu não posso!

**Tubuna** – Claro que pode, juntos a gente pode tudo (segura o braço de Bailita)!

**Bailita** – Eu não quero ser mulher de malandro, me solta!

**Tubuna** – Diz isso depois desse beijo?

(Beijo pra derreter iceberg).

**General** – (Em off) Bailita!

(Bailita empurra Tubuna).

**Bailita** – Socorro! Socorro! Tarado!

**Tubuna** – Que é isso, pequena?

**Bailita** – Socorro!

(Entram General e Rato, Tubuna foge).

**Bailita** – (Fingindo desmaio em cima dos dois) Ainda bem que vocês chegaram, aquele homem tentou me agarrar, não estou passando bem...

**General** – Vou te mandar estudar biologia na Amazônia, ou na França!

**Bailita** – (Levanta assustada) Como? Não, pai, por quê?

**General** – Contrato um assassino renomado

pra te vigiar e você toca o sujeito a tiros.

**Rato** – Ela me tratou pior que rato.

**Bailita** – Ele queria se aproveitar de mim. E eu não preciso de vigia.

**General** – Não precisa? Ainda há pouco estava pedindo socorro...

**Bailita** – Eu sei, mas... Isso não acontece todo dia...

**General** – E o assassino não é pra você, é pro tal do Tubuna, o malandro é muito escorregadio.

**Bailita** – Eu já te disse que ele pulou a janela e tentou se aproveitar de mim...

**General** – Quer dizer que todo mundo espera uma chance pra “se aproveitar” de você?

**Rato** – Confesso que faz um certo sentido...

**General** – Cala a boca, panaca! Com você eu conversei depois.

**Rato** – Não está mais aqui quem falou...

**Bailita** – Que culpa eu tenho se eu sou a lindinha do papai?

**General** – A lindinha do papai estava pelada no meu escritório!

**Rato** – Opa! E eu perdi essa!

**Bailita** – Papai, ele era mais forte...

**General** – Mas você sabia o nome dele!

**Rato** – É, minha senhora, está complicado...

**Bailita** – Cala a boca, panaca! Com você eu conversei depois.

**Rato** – Nossa! Não é que puxou ao pai?

**Bailita** – Ele deve ter dito em algum momento...

**General** – Você não me engana, Bailita, vai estudar fora!

**Bailita** – Pai, espera pelo menos a apresentação no Municipal, eu ensaiei tanto...

**General** – Não sei não...

**Bailita** – Todo mundo está dizendo que a música é a minha cara!

**General** – Sei... Mas faltam três dias.

**Bailita** – Por favor, eu me comporto até lá, nem saio de casa, só para ensaiar...

**Rato** – Dá uma chance pra menina, general!

**Bailita e General** – Não se mete, idiota!

**Rato** – Que família linda!

**Bailita** – Papai, por favor...

**General** – Tá bom, tá bom! Só até a apresentação, hem? E só sai de casa escoltada.

**Bailita** – Mas ele não vai aparecer!

**General** – Prevenção é obrigatoriedade e estratégia! Vamos Rato, faça jus ao que te pago (sai)!

**Rato** – Ih, sobrou pra mim? Simbora, moça! (Sai puxando Bailita).

(Num canto do palco, um malandro carioca está sentado numa mesa de boteco. Negro, camisa vermelha, terno branco e sapato bicolor, o malandro Tubuna está de porre com uma garrafa de cachaça na mão, cabeça na mesa, chapéu Panamá na cadeira, parece desmaiado. De repente, levanta a cabeça e solta a língua).

**Tubuna** – Tá vendo o sujeitinho ali? (Aponta o lado contrário). Aquilo lá já foi malandro... Hoje é só mais um bêbado... Esse Panamá, esse sapato bico fino, é só pose, ele não vale a merda que caga... Fica assim... De boteco em espelunca, de muquifo em boteco, dizem até que carrega navalha (Tira navalha e põe na mesa), mas nem deve mais saber usar (Tenta usar a navalha e se atrapalha)... E vocês vieram ver a história dessa titica? É muita falta do que fazer...

(Tubuna começa cantando, malandro e prostituta entram aos poucos para cantar).

“Fundo do poço malandro”

**Tubuna** – O que fazer... Do que fazer?

Quando o choro te manda calar toda mágoa?

A vida já te diz que acaba

Ao cabo de não mais sofrer

O poço alguém te diz que é fundo

E o mundo não quer mais você

**Todos** – (Refrão) (Bis) Desculpe se eu existo mesmo à revelia

Desculpe se eu desisto dessa fantasia

Eu destravei a língua, pois cheguei soberbo

Eu fui deixado à míngua, pois soltei o verbo (/ Bis) (/Refrão)

(Bis) E se vai, vai

Vai pro fundo

E se cai, cai

Tá de porre

Malandro safado, cresceu vagabundo

Entrou na sarjeta, ninguém te socorre (/Bis)

REFRÃO



### 3º ATO: Resoluções

(Audiência se prepara a fim de assistir a apresentação no Municipal. General e soldados na primeira fila, em estado de alerta. Escolado, Cão e Porco também estão lá, além das prostitutas – conseguiram ingressos com Mocinha, mas são malvistas pelos grã-finos -. Entra um sujeito com sobretudo, óculos e chapéu e fica ao fundo da plateia, em pé. Entra o diretor).

**Diretor** – Cacete, mas cadê o Tubuna?

(General e soldados levantam, sacam as armas).

**General** – Eu ouvi Tubuna? Pega! Atirem pra matar!!! (Apontam armas para o diretor).

**Diretor** – Calma, calma!!! Ferdinando, pô, sou eu, o diretor da peça, não leva a personagem tão a sério...

**General** – (Desabafando) Sabe o que é, diretor? Eu tenho ficado meio nervoso, tenho sonhado com esse malandro... Acho que essa peça não tá me fazendo bem...

**Diretor** – Calma, é só teatro, depois da temporada você tira umas férias. Mas e aí? Alguém viu o Tubuna? (Silêncio) Zé Onofre? Substituição já!

**Zé Onofre** – Pô, diretor, tem certeza que o idiota não tá? Não quero fazer papelão!

**Diretor** – Ele deveria estar aqui! Agora o papel é seu. Nessa cena, o Tubuna entra escondido, disfarçado. Põe essa barba aqui (tira barba do bolso). Vem com o chapéu no rosto, de mansinho, e fica do lado daquele sujeito de sobretudo, em pé, entendeu? Essa é a marcação do Tubuna.

**Zé Onofre** – E se ele chegar?

**Diretor** – Não tem discussão, Zé, o papel é teu e vamos começar logo essa cena!!!

(Zé Onofre e alguns grã-finos saem, malandros e prostitutas também. Ficam militares, alguns grã-finos e o homem de sobretudo. As personagens que saíram entram aos poucos, estranhamento com malandros e prostitutas, Zé Onofre faz a entrada do Tubuna com barba postiça. Entram Mocinha e Bailita, à frente, com o corpo de baile ao som da introdução de “Valsita”. Coreografia de balé clássico.)

“Valsita”

Toda estrela quando cai do céu

Só rodopia em carrossel

E se ela cai no chão cintila... Cintila...

Senti-la como flor de diamante

Com afago tilintante

Que num toque pode abri-la... Abri-la...

Abre alas para a bailarina

Que contorciosa sina

De com gestos fazer rima

(Bis) Rema nesse rio que é virtuoso

Cada movimento esboço

De uma gota da retina (/ Bis)

(Refrão) Vai lá, baila, doce fé, menina

Move, sorve, dança pequenina (/Refrão)

(A canção e a coreografia se aceleram. Mocinha tem alguns espasmos involuntários).

Num salto reconfigura o alto

Cada passo um cadafalso

E no giro um leve pé com pé

Na abertura o mundo transfigura

Queda sua iluminura

(Bis) E nos revela uma mulher

En dedan, En dehors

Nos domina num cambré

Manéges, Pas de deux

Gra finale em grand jetté (/Bis)

(Mocinha sofre um ataque epilético, todos se aproximam para ver, inclusive Zé Onofre, que se aproxima cada vez mais do palco. O homem de sobretudo se revela, é Tubuna).

**Tubuna** – (Para Porco) Apaga a luz, Porco!

**Porco** – Certo, chefe (sai)!

(Tubuna literalmente salta sobre as cabeças das pessoas e chega até o palco para conter a movimentação de Mocinha, colocando-a de lado e impedindo que mova a cabeça).

**Tubuna** – Calma, é o papucho...

**Zé Onofre** – Caraca, é o Tubuna!

**General** – Tubuna? Atirem pra matar! (Militares sacam armas, grã-finos se desesperam, armas apontadas para o palco).

**Bailita** – (Colocando-se entre Tubuna e as armas) Pai, esse homem quer me assaltar!!!

**Tubuna** – (Largando Mocinha) Qual é a tua, menina?

**Bailita** – (Para Tubuna) Foge!!!

**Tubuna** – Leva a menina pro hospital!!!

(Luzes se apagam).

**General** – Não deixem o malandro escapar, pro palco, já!!!

(Barulho, confusão, em cinco segundos, acen-

dem-se as luzes).

**Soldado 1** – Pegamos o cara, chefe!

**Bailita** – Alguém me ajuda com a Mocinha! (Prostitutas ajudam a carregar a garota).

**Escolado** – (Quase fugindo) Ó Cão, pegaram o Tubuna! Pô chefe, não vai dar pra te ajudar. Fui! (Sai).

**Cão** – Ta-ta-ta-tadinho! (Sai).

**Zé Onofre** – Ei, para! Fala que eu não sou o Tubuna, merda!

**General** – Conta essa pra outro, Tubuna!!!

**Zé Onofre** – Ferdinando, pô, eu sou o Zé Onofre, eu tava fazendo substituição, caramba!

**General** – Soldados, levem o delinquente daqui. Como ousa afrontar o General Guilhô, tortura com esse Tubuna!!!

**Zé Onofre** – (Gritando) Tubuna!!! Estou a um dedo de te arrancar o último suspiro!!! (Soldados o levam embora, General sai).

(Entram Mímiau e Gatona).

**Gatona** – Pois é, os homens tão prendendo todo mundo.

**Mímiau** – Ai meu Deus, eu nem tô maquiada pra ir pro quartel...

**Gatona** – Tu vai é levar no lombo, sua puta burra!

**Mímiau** – Ai... No lombo... Adoro homem de farda.

**Gatona** – Pensei que você gostasse de malandro...

**Mímiau** – Minha querida, eu sou que nem o presidente, quem vier com o pau mais perto eu sento em cima!

(Entra Leoa).

**Leoa** – Eu não tenho mais idade pra correr de meganha.

**Mímiau** – Ai mulher, descansa um pouco, acho que aqui a gente tá segura.

**Gatona** – Eu quero ver se o general vai prender tudo quanto é puta pra achar o Tubuna!

(Entram Pantera e Tigresa).

**Pantera** – Não, eles tão indo só no círculo do Tubuna!

**Gatona** – E, por acaso, foram vocês que deram essa informação, suas piranhas? (Vai pra cima delas pra bater, Leoa e Mímiau seguram).

**Tigresa** – Calma lá, sargentão! Já basta esse monte de cabo atrás de mim!

**Mímiau** – Ai... Cabo?...

**Pantera** – A gente tá no mesmo barco, ô putona! Fugindo igual!

**Tigresa** – Tentamos até falar com o Fiote, mas escorraçaram a gente a pontapé!

(Entram Escolado, Cão e Porco).

**Escolado** – É a verdade, bolas, o mar não está pra peixe...

**Cão** – Su-su-sujeira geral...

**Porco** – Dizem que o General tá querendo prender até as calçadas que o Tubuna pisou!

**Mímiau** – Daqui a pouco, ele tenta prender a torcida do Flamengo.

**Leoa** – Ele tem cara de quem prende até a bola.

**Escolado** – (Imitando General) Só se pode jogar uma pelada se o desgraçado do Tubuna aparecer!

**Tigresa** – Mas imagina se ele resolve interditar todas as bibocas do morro?

**Cão** – Aí a ca-ca-ca-sa-sa cai!

**Porto** – Esse homem quer prender o Rio de Janeiro.

**Mímiau** – Por que não o mundo?

**Escolado** – Prezadas senhoras, prezados senhores e eternos desclassificados, esse sujeito é capaz de prender as galáxias.

(Começa introdução da canção).

“Se a gente quer prender a graça”

Vi uma estrela autuada em flagrante

Por um crime com agravante de contemplação

Vi um batuque na cadeia

E circular na lua cheia era o mote dessa acusação

E tem doutor que quer prender um unicórnio,

Um saci e um infortúnio por consagração

Como é que pode esses milicos desbocados

Tentam pôr o oceano dentro da prisão

(Bis) Na vida há quem quer prender a graça

Achando assim dar conta do recado

“- Mão na parede”, “- Teje preso”, “- Baculejo”

São faces de um coração humano-aprisionado (/Bis)

(Entram soldados, General, Fiote e Bailita).

**Fiote** – Mas papai...

**General** – Não quero saber. Prende todo mundo! Quero ver sangue...



**Gatona** – Como é que eles chegaram aqui?

**Escolado** – Concluo que os volumes de vozes estavam altos, mais os agudos de Mímiau...

**Mímiau** – Agudo do teu fiofó!

**General** – (Alucinado) Para a tortura dos miseráveis...

**Bailita** – Desiste dessa ideia, papai!

**General** – De jeito nenhum! Me fizeram prender o preto errado, eu quero o Tubuna! É algum desses, Fiote?

**Fiote** – Eles até estavam lá, mas o Tubuna não está aqui não!

**General** – Tem certeza, infeliz?

**Fiote** – Tenho papai, tenho.

(Nesta cena, malandros e prostitutas presos ao centro, General circulando em volta, com seus filhos seguindo, e soldados apontando armas para o centro. Mímiau flerta com os soldados. Pantera e Tigresa flertam com Fiote, que responde. Porco tenta negociar sua escapatória por meio de cigarros, dinheiro, cachaça, mas os soldados são impassíveis).

**Bailita** – Essa hora ele deve estar longe...

**General** – Ele tem muitos hábitos para fugir assim. (Apontando Porco) Fiote, não é aquele escurinho ali?

**Fiote** – Não, papai, nem é ele...

**General** – (Para malandros e prostitutas) Algum de vocês sabe onde está a desgraça do Tubuna?

**Cão** – Po-po-po-posso fa-fa-falar?

**General** e soldados – Fala logo, imbecil!

**Cão** – Nã-nã-nã-não sei de na-nada.

**General** – Eu mato esse desgraçado!!!

**Gatona** – Pode matar, pode prender, pode até torturar...

**Mímiau** – Ninguém aqui sabe nada, General.

**Escolado** – As probabilidades de um resultado significativo em sua busca são mínimas.

**Porco** – O Tubuna é mais liso que manteiga, General.

**Leoa** – Mais malandro que gato, seu moço.

**Bailita** – E mais homem que muito milico, que só se garante com trabuco na mão!

(Gritos e saudações por parte de malandros e putas).

**General** – Levem essa corja daqui agora! Prende todo mundo! Prende essa putinha ingrata também!

**Fiote** – Papai?

**General** – E levem esse babaca junto, eu preferia ter comprado cocô a vida inteira que ter criado você! Eu quero esse Tubuna!!!

(Soldados levam todo mundo embora).

**General** – Rato!

**Rato** – (Entrando) Fala, meu patrão!

**General** – Traga aqui o tal do diretor, ele deve saber alguma coisa...

**Rato** – Você está falando sério?

**General** – Não me chame de você, imbecil! Para sua laia, eu sou “senhor”, ou melhor, Senhor General Guilhô! E traga o homem!

**Rato** – Sim, senhor general Guilhô (Sai).

**General** – Esses insubordinados já não sabem mais o que é respeito. Mas eu pego esse Tubuna, nem que seja a última coisa que eu faça. Virou questão de honra.

(Entra rato com o diretor).

**Diretor** – Me solta, não sei de nada.

**General** – Onde está o delinquente?

**Diretor** – Ferdinando, o que é isso? Eu sou seu diretor...

**General** – Não me chame de Ferdinando! E vai logo contando onde está o Tubuna, porque eu estou cansado de ser feito de besta.

**Diretor** – Mas eu até já cancelei o pagamento dele, eu não sei onde está o sujeito! (Para o alto) Tubuna, imprestável, aparece, pois estou a um dedo de acabar com a tua vida!

**General** – Esse aí não sabe nada, mas prende ele junto, não quero ninguém circulando.

**Rato** – Sim, senhor general Guilhô. (Sai com o diretor).

**General** – Mas onde se meteu esse sujeitinho? Vou pegar ele de qualquer jeito! Já sei! Vou mandar tirar a menina do hospital, aquela vagabunda tem que saber onde ele está.

**Tubuna** – (Entrando) Se encostar um dedo em Mocinha, o velhote vira picadinho.

(General saca arma, Tubuna tira a arma da mão do General com golpes de capoeira. Tem início a canção que segue).

“Surra de patente”

(Refrão) Pode vir general

Capitão e tenente

Pois nego capoeira

É de ponta cabeça

Que mostra a patente (/Refrão)

Já não é meu intento

Mas se acaso gingando

Eu encontro o sargento

Eu desço o cabo

Nego não é figurante

Saí da quebrada

Encontrei almirante

Eu desço o cabo

Capoeira é ligeiro

Passei um sufoco

Encontrei brigadeiro

Eu desço o cabo

O meu cabelo é de pau, cuidado a cabeça

Doutor general

REFRÃO

(General Guilhó surrado e desmaiado. Entra Rato).

**Rato** – General, os presos... Meu santo papa!

**Tubuna** – Confesso que num dá gosto bater em velhinho, mas esse precisava de um couro. Você é o próximo?

(Rato disfarça para pegar arma, Tubuna percebe e se afasta. Quando Rato saca arma e aponta, Tubuna já desapareceu).

**Rato** – (Disfarçando) É... Não senhor... Eu sou da paz, nem sei brigar... Ainda mais com o senhor... (Aponta arma) Mas cadê o desgraçado? (Vê o general) Santo papa! Deixa eu ajudar esse homem que, se ele morrer, eu estou desempregado. Acorda, general, por favor!

**General** – Cadê? Cadê? Cadê o infeliz? Tubuna, eu estou a um dedo de te matar! Aaaaa! Ai... Ai...

**Rato** – Calma, general, o senhor não está bem.

**General** – Ajuda, Rato. Eu preciso levantar...

**Rato** – (Levantando General) Sabe, general, não querendo ser chato, mas aquele povo todo que o senhor mandou prender está fazendo uma bagunça no quartel...

**General** – Rato, manda soltar todo mundo, eles não servem pra nada... Me leva pra casa, preciso descansar...

(Saem os dois. Entra enfermeira falando, seguida de Tubuna).

**Enfermeira** – ...Tá bom, moço, eu dou o recado, mas o senhor fala coisa demais...

**Tubuna** – É que eu tenho medo que você esqueça! Fala que eu gosto muito dela, que nunca vou

deixar de lembrar e sempre que eu puder...

**Enfermeira** – Eu já sei, moço, deixa eu trabalhar!

(Entra Mocinha).

**Mocinha** – Diz pra mim o teu recado!

**Tubuna** – Mocinha? Volta pra cama, já! Quem te mandou descer?

**Mocinha** – Uma enfermeira me contou que você estava aqui. Ai, papucho, me abraça, não fala nada (abraçam-se).

**Enfermeira** – (Para o público) Mas que lindo, né, gente? Menina sensível... Cês sabem que eu briguei com a minha filha? A desgraçada nunca seria capaz de uma coisa dessas, é uma ingrata né? Ela vai abraçar o moço mesmo fedendo a macaco, isso que é amor, gente! (Mocinha e Tubuna soltam-se do abraço). Minha filha uma vez arrumou um namorado que fedia mais que esse moço...

**Tubuna** – (Empurrando a enfermeira) Minha senhora, muito obrigado, a gente precisa continuar...

**Enfermeira** – Mas eu tô conversando com minhas amigas, meus amigos, não posso não?

**Tubuna** – Não, minha senhora, dá licença...

**Enfermeira** – (Sendo empurrada) Ai, credo, que fedor de macaco, cês tão sentindo, gente?

**Tubuna** – É a senhora que está fedendo...

**Enfermeira** – (Cheirando-se) Mas não é que é verdade! Tá um calor nesse hospital que vocês nem imaginam. Moço, para de empurrar um pouquinho. Tchau menina, cê é muito bonita, ela não parece com a minha filha? (sai de cena).

**Tubuna** – Mas como fala essa mulher!

**Mocinha** – Não fica irritado, papucho! E aí, pra onde a gente vai fugir?

**Tubuna** – Eu vou sozinho.

**Mocinha** – Não vai, papucho!

**Tubuna** – Essa vida que eu levo não é pra você.

**Mocinha** – Mas eu estou contigo desde que eu tenho sete anos, você me tirou da rua.

**Tubuna** – E hoje tu é bailarina do Municipal...

**Mocinha** – Eu posso dançar em outro lugar, mas tem que ser com você perto...

**Tubuna** – Seu papucho não é mais o mesmo, eu finalmente aprendi a sofrer de amor, não seguro mais a onda.

**Mocinha** – É a Bailita, né?



**Tubuna** – Hã?

**Mocinha** – Eu tava falando de você pra ela, quando ela me trouxe no hospital, e vi uma lágrima correndo do olho dela... Ela gosta de você...

**Tubuna** – Se gostasse não fazia o que fez comigo!

**Mocinha** – Sabe lá o que passou na cabeça dela, você nunca foi de desistir fácil, papucho, chama ela, me leva e vamos construir o nosso mundo.

**Tubuna** – É tarde demais, Mocinha.

**Mocinha** – Eu lembro quando eu era pequena e você falava que o mundo pode ser colorido, lembra?

(Começa a canção que Mocinha canta, Tubuna às vezes ri, por vezes fica cabisbaixo, mas não sai do lugar. Mocinha numa outra coreografia de balé).

“Nosso mundo colorido”

**Mocinha** – Ouvi dizer que o mundo cabe em minha mão

E quando falta lucidez

Eu cerro o dente

E conto três

E ouvi dizer que nosso mundo é criação

E a cantiga perde o tom

Se a gente diz que não é bom

Por isso faça da minha mão pincel

Para criar um novo céu

Cor de arco-íris e no dia tem luar

Por isso que meu mundo é colorido

E não deixo o adjetivo

Dolorido vir rimar

(Continua o instrumental).

**Mocinha** – Vem, papucho, dança comigo, é o nosso mundo, lembra?

**Tubuna** – Não tem mundo, criança, cresce! Eu renego esse mundo!

**Mocinha** – Vem, a Bailita vai vir também!

**Tubuna** – Não sei por que fui me meter com aquela grã-fina! Eu não posso, Mocinha, eu não consigo, eu desisto de tudo, eu desisto de mim!

(Tiro mortal em Tubuna. Para a música. Grito de Mocinha. As personagens vão entrando aos poucos, quase todas. O diretor, Zé Onofre e o General Guilhê entram ao mesmo tempo. Multidão em volta do corpo de Tubuna. Som de sirene da polícia, entra em cena a personagem Chaves, ou Tigrão, policial encontrado na Ópera do Malandro,

do Chico Buarque.)

**Chaves** – Mas o que está acontecendo?

Escolado – Ih, é o Chaves (ameaça sair).

**Chaves** – (Sacando a arma) Ninguém sai daqui! Fica todo mundo onde está! Não quero saber de papo. Que aconteceu? Pelo visto morreu alguém (vê o corpo de Tubuna). Puta merda, mas é o Tubuna! Vê se está morto mesmo, verifica!

**Porco** – Morreu, seu Tigrão, esse aqui já era!

**Chaves** – Cacete, o Tubuna era o único que podia dizer onde o Max se meteu. Chumbaram logo o cupincha do desgraçado. Mas quem matou? Confessa logo que esse eu pegoi!

**Escolado** – O diretor andava ameaçando o Tubuna.

(Policiais prendem o diretor).

**Diretor** – Mas você não pode me prender, eu sou o diretor dessa merda.

**Chaves** – Cala a boca, senão eu te despacho!

Fiote – O meu pai, o general Guilhê, ele ameaçou o Tubuna também.

**General** – Seu filho de chocadeira...

(Policiais prendem o general.)

**General** – Mas o que é isso, eu sou militar de alta patente.

**Chaves** – Vai ficar preso até eu averiguar o caso, entendeu?

**Porco** – Mas o Zé Onofre também andou fazendo umas ameaças.

(Policiais prendem Zé Onofre.)

**Zé Onofre** – Vocês não podem me prender!

Chaves – E por quê?

**Zé Onofre** – Porque... Porque... Porque eu sou figurante, porra!

(Chaves começa a interrogar os suspeitos, que arrumam as mais escabrosas desculpas. Escolado monta uma banquinha de apostas, prostitutas, malandros, soldados e policiais perguntam para a plateia quem eles acham que matou. O objetivo é que essa cena seja construída num processo de criação coletiva, deixemos os atores falar. Depois de algum tempo de cena, entra Bailita, com a arma de Rato na mão.)

**Bailita** – Chega dessa balbúrdia. Fui eu quem atirou no defunto.

**Chaves** – O que é isso? Então se trata de um crime passionai?

**Bailita** – Não. Quando eu apertei o gatilho ele

já tava morto. Morreu assim que disse “-Eu desisto! Eu desisto de mim!”.

**Chaves** – Desculpe, madame, mas vou ter que prender.

**Bailita** – Chaves, ouvi de fontes fidedignas que se você for até a casa dos Duran, você vai saber onde está o Max.

**Chaves** – Jura?

**Bailita** – Vai, vai, estou te dizendo. Você não tem mais nada pra fazer aqui não, vai e pega o teu homem. Essa peça aqui já acabou.

**Chaves** – Todo mundo de olho aberto! O Chaves está saindo, mas está na ronda, não vacila, hein? (Para Bailita) Obrigado, madame, eu preciso achar o Max... (Sai).

**Bailita** – (Olhando Tubuna) Eu descobri que esse malandro tem um filho em cada estado, uma mulher em cada esquina e uma semente em cada coração brasileiro...

**General** – Você está dizendo que todo mundo nesse País é delinquente? Isso eu já sabia! Mas eu não criei filha minha pra virar assassina!

**Tubuna** – (Levantando) Desencana, Ferdinando! A peça já acabou. E se tem uma coisa que o nosso malandro não é, essa coisa é delinquente. (Abraça Bailita por trás) O que a menina está dizendo é que esse Tubuna, que tinha... Fé na vida...

**Mocinha** – Que sobrevivia...

**Mimiau** – Que dava o sangue pela alegria do dia seguinte...

**Leoa** – Que não levava desaforo pra casa...

**Bailita** – Que samba na cova aberta...

**Tubuna** – Esse aí não morre nunca. Aquele que desiste, que se entrega, se deixa levar, já morreu.

**Bailita** – Vamos cantar aos que resistem. Dizem que a sobrevivência deles não é arte e que a arte é supérflua, aqui estamos para ter o gostinho de provar o contrário.

“O malandro nº3”

O malandro, tá no sonho

Tá no rosto do Brasil

Desarmado, acuado

Revistado

E é civil

O seu pranto, tá no morro

E não toca em fuzil

E quem vem em seu socorro?

Nem a puta-que-os-pariu

Suas marcas fazem curva

Como a lua e até a luz

Sua vista, estrela turva

Se numa foto

Estariam nus

**FIM**

